

Cartagena, igrejas, hotéis e réveillon



Continuo a escrever sobre Cartagena, tal o encantamento que a cidade me proporcionou. A cada esquina que dobramos, há mais coisas a serem conhecidas e observadas. Uma fachada colorida, as bancas com as frutas picadinhas, vitrines com esmeraldas, artesanato de excelente qualidade, ônibus que parecem sair de um filme dos anos de 1960, os colombianos que têm pele, olhos e dentes bonitos. Esta seção de meu diário de viagem à Colômbia quero dedicar a alguns aspectos especiais da cidade.

Começo pelas igrejas que são muitas. O Tripadvisor recomenda a visita a dez igrejas, eu devo ter visto quatro ou cinco, mas vou comentar as que gostei mais.

A Catedral também é chamada de *Basílica Menor Santa Catalina de Alejandría*. Sua construção teve início em 1575, mas logo depois, em 1586, ainda em edificação, ela foi destruída pelos canhões de Francis Drake, o inglês pirata, que atacou Cartagena e gerou a iniciativa de construção, pelos espanhóis, de suas enormes muralhas. As

obras continuaram e no começo do século seguinte ela ainda não estava concluída. Entre 1912 e 1923, o então bispo de Cartagena cobriu a fachada da igreja com estuque e a pintou, tendo então construída a enorme cúpula.

Esta miscelânea de tempos e iniciativas resulta num conjunto atraente que revela sua própria história e impressiona muito, tanto por causa do tamanho, de suas duas torres frontais e a enorme cúpula, como pela fachada externa.

Assim, o conjunto é composto pela porção frontal em pedras, o que resultou do restauro recente. que revelou novamente o calcário original, e as laterais pintadas em amarelo e branco, onde está a cúpula, que eu fotografei a partir do pátio do Palácio de La Inquisición.



Fonte: <https://pt.dreamstime.com/imagens-de-stock-royalty-free-catedral-em-cartagena-de-%C3%ADndia-image32980889>



Fonte: <https://br.depositphotos.com/39354979/stock-photo-cartagena-cathedral.html>



O interior é agradável, comparativamente à sensação que sempre me causam as igrejas coloniais com suas cores escuras. Neste caso, as três naves, com arcos semicirculares, apoiados em colunas muito altas e revestidas de pedras claras, com uma decoração, no geral, singela, traz uma claridade que me passa tranquilidade.

É esta relativa simplicidade que faz se destacar ainda mais o retábulo do século XVIII, todo folheado a ouro.



Também gostei muito da igreja do Convento de la Popa, cujo nome oficial é Convento de Nuestra Señora de la Candelaria, localizado numa elevada colina, que está ao leste da cidade fortificada. Trata-se mais de uma capela, que está na lateral de um pátio quadrangular muito agradável. O bonito é o retábulo, em vermelho e incrivelmente adornado em ouro.



Fonte: <http://forosdelavirgen.org/521/virgen-de-la-popa-y-de-la-candelaria-colombia-2-de-febrero/>

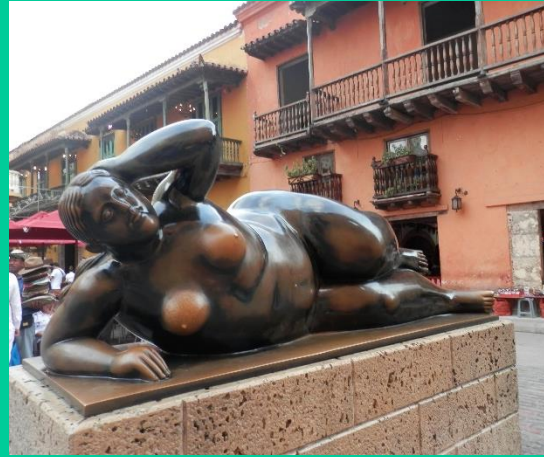
A Iglesia de Santo Domingo também tem sua beleza. Foi construída em 1539 e destruída pelo fogo logo depois. A construção foi reiniciada em 1552 e demorou 150 anos para ser concluída. A nave interna é ampla, mas pelo que li, os cálculos não foram os melhores, porque a cúpula rachou e tiveram que construir pilares maciços para evitar que a igreja caísse.



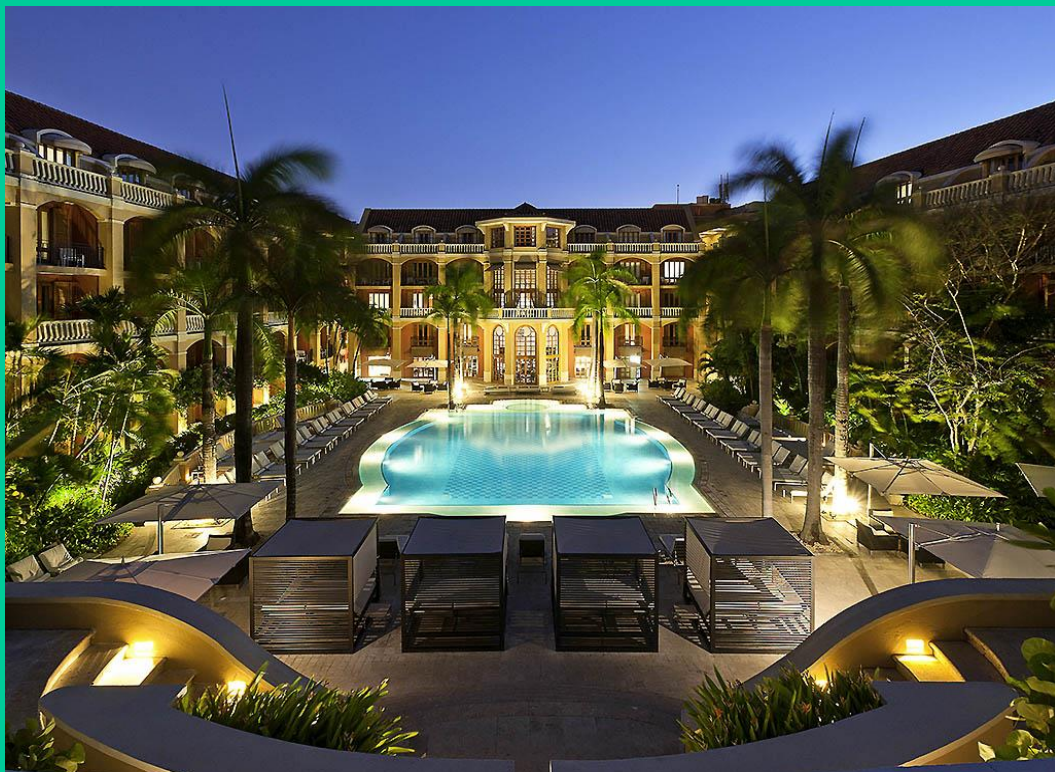
Fonte da foto maior - <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/sucesos/policia-con-pistas-sobre-asaltantes-de-la-iglesia-santo-domingo> e fonte da foto menor: [https://es.wikipedia.org/wiki/Convento_de_Santo_Domingo_\(Cartagena\)](https://es.wikipedia.org/wiki/Convento_de_Santo_Domingo_(Cartagena))

Reparem na fonte da melhor foto, que consegui desta igreja na internet (já perceberam que nunca consigo ter fotos suficientemente boas de fachadas para colocar neste blog, quando as construções são grandes, parte culpa da máquina que não tem grande angular, parte culpa da fotógrafa, que é uma amadora inveterada). Vejam a pequena foto da igreja antes da restauração pela qual passou.

O interior também é claro e o ponto alto da igreja é a escultura, descansadamente postada à sua frente, que foi dada pela cidade por Fernando Botero, que já inclui em outra seção deste diário, mas que reintroduzo aqui, porque é mesmo uma graça.



Deixando o sagrado e partindo para o ócio, vamos aos mais bonitos hotéis de Cartagena. Não me hospedei em nenhum deles, em que pese as recomendações de minha amiga Sandra, para que eu escolhesse o Santa Clara, ou melhor o Sofitel Santa Clara Cartagena. Teria sido maravilhoso, mas fugia bastante do que podíamos gastar neste momento. Mesmo assim, lá estivemos para um café em final da tarde. Ele tem 123 quartos. Dois restaurantes muito bonitos e um bar charmoso. Um pátio interno lindo, onde se pode fazer refeições ou simplesmente tomar um *drink*.



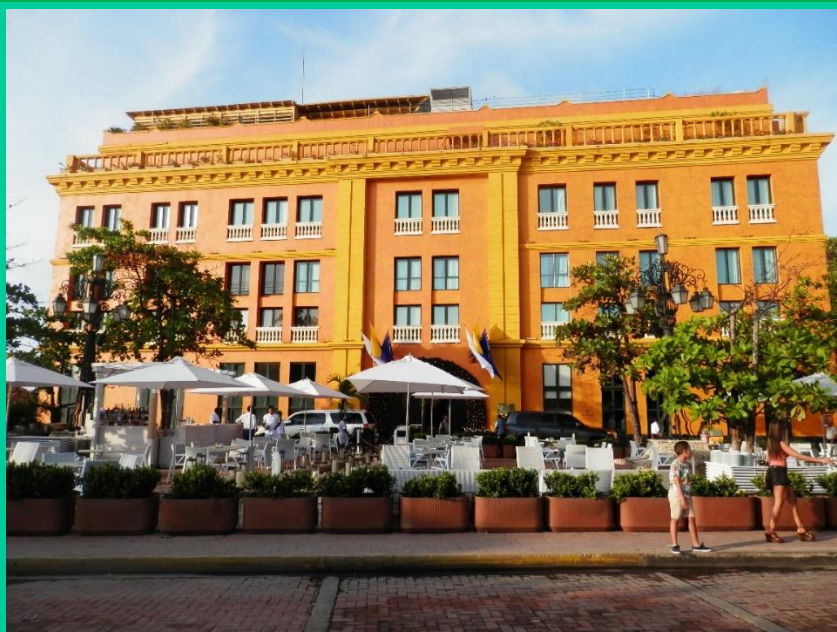


Fonte das fotos superiores: <http://www.sofitel.com/pt-br/hotel-1871-sofitel-legend-santa-clara-cartagena/index.shtml>

A linda construção foi erguida para ser o Convento de Santa Clara de Assis, a partir de 1621, e permaneceu com esta função por 240 anos. Depois, mais 130 anos se passaram no abandono, com alguns usos esporádicos e nem sempre adequados, até que ele fosse restaurado e se recuperassem o claustro, os aposentos do convento, bem como a parte que funcionou como hospital e universidade.

Outra jóia é o Charleston Santa Tereza Hotel de Cartagena, cuja situação geográfica é muito boa. Ele está posicionado próximo a uma das entradas da muralha, em frente à Avenida Santander e não distante do Santuário San Pedro Claver (outro sobre o qual eu poderia ter escrito umas linhas). Ele não está muito distante do Centro de Convenções Cartagena das Índias, onde se realizam grandes eventos, entre eles um muito importante para ao país: o concurso de Senhorita Colômbia. Adorei que eles não tinham importado o Miss dos States e adotado o termo do próprio espanhol.

Da área da piscina do hotel, contempla-se tanto a cidade histórica e a cúpula da catedral, como a área de expansão urbana, na segunda metade do século XX, o bairro Bocagrande, onde a verticalização é grande.

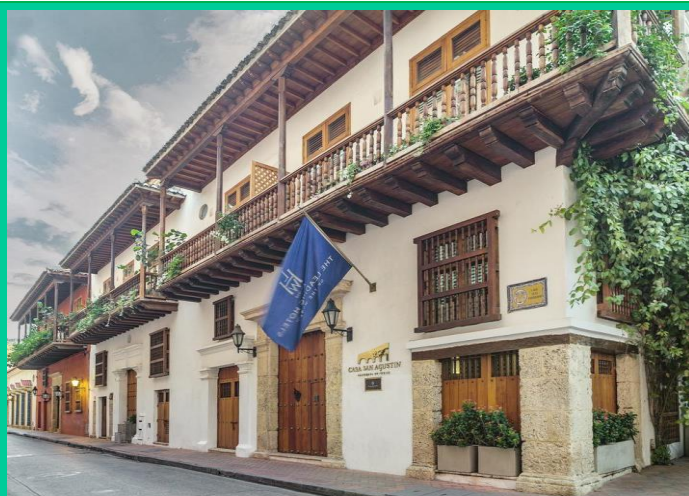




Fonte das quatro fotos acima: www.booking.com

A construção teve início em princípios do século XVII, por mando de Doña María de Barras y Montalvo, uma senhora da aristocracia cartagenera. Por licença do rei de Espanha, o convento foi destinado às carmelitas descalças, que vieram inicialmente de Pamplona. Mais tarde, a edificação serviu de hospital, asilo de mulheres indigentes e, no final do século XVIII, refúgio de tropas em defesa da cidade. Abrigou também uma fábrica de cerveja e uma de marcarrão, além de ter sido depósito de licores e tabacos (fonte destas informações: <https://donde.co/es/cartagena/articulos/los-secretos-del-convento-de-santa-teresa-27503>). Hoje a edificação é Patrimônio da Humanidade. Passamos pelos seu lindo pátio num final de tarde e o bar estava incrivelmente animado.

Por último, escrevo um pouco sobre o Hotel Casa San Augustin, inaugurado em 2012. Com apenas 20 apartamentos, ele ocupa uma edificação de resultou da recuperação de três casas coloniais o que, durante o processo, possibilitou a descoberta e captura de água do antigo aqueduto da cidade.



Fonte: <http://www.booking.com/hotel/co/casa-san-agustin.pt-br.html>



Fonte: <http://www.hotelcasasanagustin.com/es/amenities.html>



Fonte: <http://www.hotelcasasanagustin.com/es/amenities.html>

Vamos ao Réveillon.

Antes de vir para Cartagena, eu não imaginava que esta fosse a cidade mais escolhida, pelos colombianos, para se passar de um ano ao outro. Já na antevéspera, a cidade respirava o clima de festa. Vários caminhões transportavam mesas e cadeiras para os grandes hotéis e restaurantes. As equipes de decoração estavam a toda. As vitrines exibiam as possibilidades de trajes brancos...

Começamos, meu marido e eu, a ficar preocupados de não termos onde estar à meia noite e procuramos fazer reserva em algum restaurante na cidade antiga, longe, portanto, de Bocagrande onde estamos hospedados no Hotel Almirante.

E nada de encontrar alguma coisa que coubesse no nosso bolso. No geral, as pedidas ficavam em torno de 200 a 300 dólares por pessoa. Consultei o google, que me levou ao blog <http://www.juliamaiorana.com.br/o-surpreendente-reveillon-em-cartagena-na-colombia>.

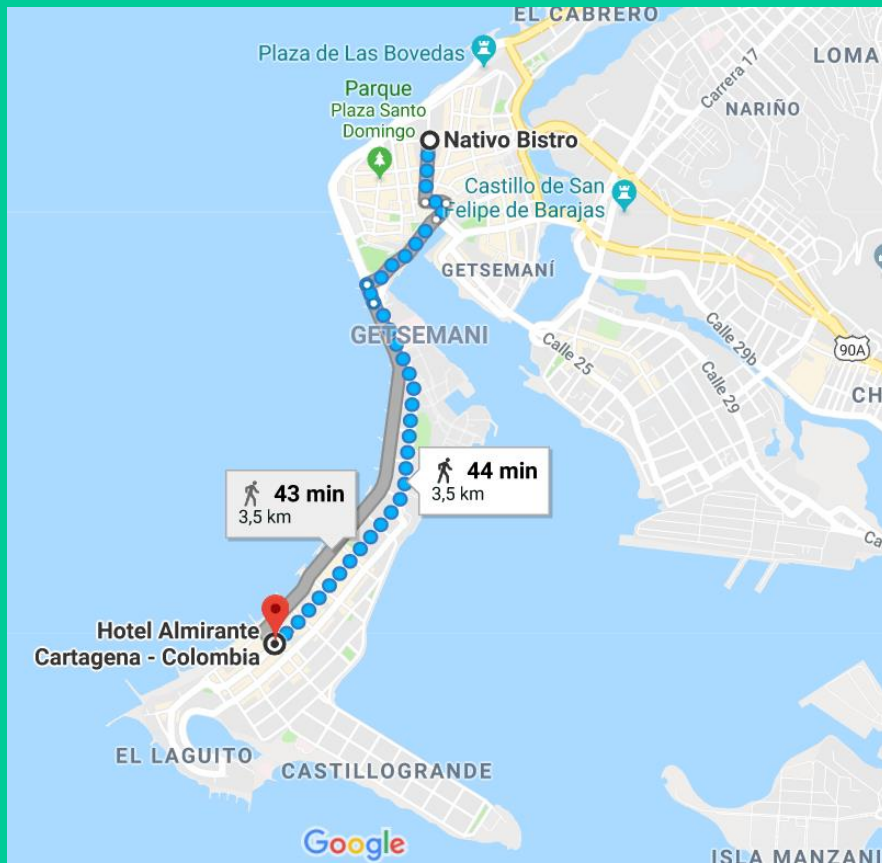
Obrigada Juliana! Foi muito útil ler o que você escreveu, porque desencanei de não poder estar numa destas festas mais caras e badaladas da cidade, já que você explicou bem que o legal é a festa de rua, desde que se tenha um porto seguro, ou seja, uma mesa em algum lugar, junto com o direito a um banheiro para as devidas finalidades etc.

Acabamos sucumbindo à boa propaganda da mocinha que nos atendeu no Restaurante Nativo. Ela era falante, simpática e nos fazia supor que iríamos ficar com a última mesa disponível, razão pela qual deveríamos decidir logo. Acharmos que 200 e poucos reais por pessoa, afora a bebida alcóolica não estava barato, mas como havíamos começado a pesquisa com preços três vezes maiores, até que pareceu razoável.

Ok, pagamos a metade adiantado, para garantir o lugar, e nos preparamos para a grande noite.

Às 21h do dia 31 de dezembro começou a aventura. À porta do nosso hotel em Bocagrande, já tivemos a informação de que estava difícil obter um táxi. Fomos até a calçada e víamos que, a cada dois minutos, mais alguém vinha concorrer com a gente na tentativa de fazer um dos táxis parar. Revolvemos continuar a tentar, mas

já andando na direção da cidade. Meu marido achava que era fácil ir a pé e, talvez, fosse mesmo, porque depois verifiquei no Google Maps e a distância não era tão grande. O problema é que eu estava trajada e maquiada para o Réveillon e não queria chegar lá toda desmoronada.



Já havíamos percorrido uns 200 metros, quando vejo que uma família enorme consegue fazer uma van parar. Num impulso, atravesso a rua e ainda acompanho o final da negociação com o condutor que pede cinco mil pesos colombianos por pessoa. Nem olhei para trás para obter a aquiescência do meu marido. Entrei na van e já fui sendo avisada que não podia sentar nem no segundo, nem no terceiro banco, onde uma moça desesperada guardava os lugares para a tal família. Dei-me conta que estava furando a fila, mas não tinha sentido voltar atrás. Sentei no quarto banco e coloquei a mão no assento ao lado, guardando um lugar para meu marido, que educadamente esperava uma chance para entrar. Entrou, finalmente, quando eu já temia que ele ficasse do lado de fora. Lá fomos todos nós como sardinhas em lata, incluso uma criança de colo que chorava sem parar e duas brasileiras que trabalhavam numa empresa no Rio de Janeiro: a que estava há mais tempo, ia dando dicas para a outra de quais eram os esquemas para permanecer, sem ser mandada embora. Estavam bonitas e eu me perguntei se elas encontrariam, até o final da noite, a companhia para a qual tanto se enfeitaram. Tudo bem, chegamos à Cartagena antiga! A animação era grande. Vários restaurantes e casas de família já tinham armado mesas na rua e nós

perambulávamos observando aqui e ali. A música nem sempre era de qualidade, mas estava todo mundo alegre.

Ao lado de longas mesas, algumas com 20 a 30 cadeiras, havia sempre um pequeno balcão improvisado, onde estava a comida a ser servida. Alguns já tinham bebido todas e dançavam alegremente. Tinha gente de todas as idades.

Depois de percorrer várias ruas, fomos nos dirigindo à Calle Sargento Mayor, onde estava o Nativo. A 200 metros de lá, já percebemos que o movimento na rua estava menor: havia gente, mas eram pessoas se deslocando para os pontos que, suponho, sejam os considerados “in”, o que significa que a localização do nosso restaurante talvez fosse “out”.



Chegamos ao nosso restaurante já preocupados com a possibilidade de que não tivéssemos uma boa mesa. Que ledô engano! Apenas duas mesas estavam ocupadas. Éramos o terceiro casal e mais nenhum freguês chegou por ali, até uma hora da manhã! A animação maior ficava por conta das garçonetes e do que suponho seja a esposa do dono. Cantavam as músicas, cujas letras era super conhecidas delas e dançavam. Entre uma coisa e outra, iam trazendo os pratos, segundo o previsto no menu.

A comida não estava nenhuma brastemp, mas deu para se alimentar, tomar um vinho e pouco antes da meia noite andar uns 150 metros até a muralha de onde se podia ver melhor o espocar dos fogos de artifício, que é um espetáculo muito bonito (tudo bem, não tanto quanto o do Rio de Janeiro, mas bonito).

Meia noite de 31 de dezembro de 2017, zero hora de 1 de janeiro de 2018. Beijos, abraços, música e luzes. Hora de pensar nas pessoas que amamos e estão longe, desejando que tudo de melhor ocorra para todos nós.

Após o show de fogos, voltamos ao nosso restaurante, onde um DJ desajeitado ensaiava a sua seleção de músicas. Quando começou a emplatcar o *rock in roll*, todos (os três casais, mais os proprietários-funcionários da casa) começamos a dançar, mostrando que esta é mesmo a música internacional: todos a reconhecem, todos cantam, todos se divertem.

Pela rua, mais e mais gente passava, cantando e procurando se enturmar onde fosse possível. Havia pobre, havia rico, havia preto, havia branco, velho e novo. Os trajes eram os mais inusitados: desde roupas sexies, até vestidos clássicos, passando pelos shorts com blusinhas brancas e bermudas amassadas...



Mais de uma hora da manhã, é hora de começar a guerra para achar um táxi para voltarmos ao hotel. Meia hora de tentativas aqui e ali, e alguém concorda em nos levar, cobrando bem mais do que o taxímetro indicaria. Vale tudo. Ano novo!

Carminha Beltrão

1 de janeiro de 2018

P.S. A cesta do *caput* desta seção de meu diário de viagem foi comprada no El Centro Artesano, de Cartagena, onde tudo é muito bonito e agradável, inclusive o café que fica aos fundos da loja.